

## Etnografía para educadores

# FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

PRESIDENTE DO CONSELHO CURADOR

Mário Sérgio Vasconcelos

DIRETOR-PRESIDENTE / PUBLISHER

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

William de Souza Agoŝtinho

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

EDITORES-ADJUNTOS

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

AMURABI OLIVEIRA

*Etnografia para  
educadores*

© Editora Unesp, 2023

Direitos de publicação reservados à:  
FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP (FEU)  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livrariaunesp.com.br  
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

---

O48e	Oliveira, Amurabi
	Etnografia para educadores / Amurabi Oliveira. – São Paulo : Editora Unesp, 2023.
	Inclui bibliografia.
	ISBN: 978-65-5711-199-4
	1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Educação. I. Título.
	CDD 301
2023-952	CDU 572

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia 301
2. Antropologia 572

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

# Sumário

Prefácio 7

Introdução 19

- 1 Contextualizando etnografia para educadores 25
- 2 Quando o campo é a escola: alguns preparativos 43
- 3 Entrando em campo 59
- 4 Observando a realidade escolar 79
- 5 A escrita etnográfica 93

Considerações finais 105

Referências 107



# Prefácio

*“Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”*

PAULO FREIRE

Em tempos impactantes como o que estamos vivendo, muitos são os desafios que, impostos em diferentes espaços sociais, têm pressionado profissionais e pesquisadores a pensar a educação como campo necessário à vida. A educação necessária não apenas aos sujeitos, mas também à formação consciente e crítica em torno do conhecimento e da natureza do saber. A perspectiva de entendimento de quão fundamental é a ciência e o saber para processos de mudança, inovação e reinvenção de nosso mundo e da nossa sociedade está na base mesma dos processos de transformação social e política de um mundo melhor. Assim, a premência de práxis educativas inovadoras em realidades como a que atravessa o Brasil se impõe na formação daqueles que assumem o campo educativo em seu fazer profissional como educadores e/ou pesquisadores. Cenário que, sem dúvida, está presente no livro que me coube, neste momento, apresentar ao leitor para reflexão e contribuição ímpar no campo da educação e fruto da relação aprender-ensinar-aprender como troca e partilha, como diálogo.

Ao receber o convite para prefaciar um trabalho que leva em conta essa realidade brasileira, escrito por um antropólogo que é também sociólogo com vasta experiência no campo educacional, questionei-me se teria condições de fazer jus à obra e ao seu autor, o professor

Amurabi Oliveira. O questionamento se dá em razão de ser o autor conhecido pela sua imensa capacidade de transitar entre a antropologia, a sociologia e a educação.

O termo transitar tem a ver com transformar, no sentido do que poderá vir-a-ser; e é nesse sentido que a travessia entre campos de saber que leva o autor a fluir através dele próprio como profissional que conhece o “chão da escola” e faz do campo científico e das ciências que pratica uma forma de contribuir nos processos de formação de educadores, em particular, no universo da educação. Trata-se de um campo de travessia plural e multidisciplinar que, diante dos desafios de hoje, busca dialogar com a antropologia. Daí a pergunta que move e moveu Amurabi Oliveira ao dar forma a este livro: quais as possibilidades de fazer etnografias na educação?

Ao fazer essa pergunta, o autor, de modo viável e rigoroso, assume a orientação que o preocupa, ou seja, a formação do pedagogo e a inserção desse educador na antropologia em termos teóricos e práticos. Não por acaso, portanto, o título desse livro coloca diretamente seu tema: *Etnografia para educadores*.

Com esse tema, Oliveira cruza as pontes do conhecimento e se dispõe a desvendar as encruzilhadas para exercer a ação educativa de compartilhar conteúdos e práticas de um campo específico, que na antropologia se compreende como o “fazer” com o outro, *junto e através* dos sujeitos, para produzir o conhecimento. Conhecimento que não é “de”, mas “com”, isto é, compartilhado, trocado, vivido e refletido. Esse é o espírito que se faz presente na feitura deste livro: “Guiiei-me principalmente pelas minhas próprias inquietações em campo e em sala de aula, assim como pelas questões levantadas pelos meus estudantes, tanto por aqueles que rumavam da educação para a antropologia quanto pelos que faziam o caminho reverso” (p.105).

Carlos Rodrigues Brandão (2021, p.13) nos diz que “escrever um livro não é uma tarefa individual”, por mais que assinado por um autor. O autor, ele próprio, é fruto dos muitos encontros com sujeitos diversos que com ele conformam sua própria formação. Não por acaso, o professor Oliveira lembra aqui que, para além de seus alunos e da sala de aula que organiza suas perguntas e da busca por respostas nesta excelente obra, ele próprio como pessoa e profissional é resultado de troca coletiva. Portanto, sua condição profissional, no passado como aluno e

no presente como docente, é a de transitar entre e com muitos “outros”, em um caminho coletivo e transdisciplinar. Por essa razão, ainda que como obra individual, este livro é também coletivo, fruto de caminhos cruzados “com” e “através” de tantos outros sujeitos dentro e fora da academia, dentro e fora da escola, pelas relações com o mundo e a realidade viva na qual construímos, cada um de nós, a nossa caminhada.

O livro também é fruto desse caminhar aprendendo, seja pela formação do autor na pós-graduação em Sociologia sob orientação de um renomado antropólogo, seja, como ele próprio afirma, pela vivência como professor da educação básica, pesquisador e cientista social em “troca acadêmica e afetiva com diversos cientistas sociais da educação” (p.20).

Todo esse cenário me fez lembrar de conversas pessoais com Carlos Rodrigues Brandão<sup>1</sup> em que ele diz: “E chegamos [assim] ao ensinar-e-aprender, à pedagogia, à educação. E, claro, sempre através de um foco na antropologia”. A antropologia, é o lugar de pertença do professor Amurabi, de seu livro e de ambos como resultado coletivo de aprendizagens e ensino refletidos e reflexos. Na Introdução da obra, o autor é bastante claro quando afirma que “Este livro parte do princípio que refletir sobre a pesquisa, e sobre os modos de pesquisar, deve ser um exercício contínuo, que se realiza de maneira não apenas autorreflexiva, como também (e principalmente) coletivamente em diferentes espaços” (p.19).

Na busca de interagir e dialogar com processos de investigação da antropologia e atualizar o debate com a finalidade de instaurar práticas de pesquisa condizentes com a epistemologia da prática antropológica no universo da educação, este livro se propõe a pensar o papel da pesquisa na formação docente. Considera como fundamental circunscrever-se no universo das ciências sociais, particularmente no campo da antropologia e sua presença na educação. Ainda na Introdução, o autor afirma que pretende “uma reflexão sobre as diversas etapas da pesquisa, sempre tendo como horizonte a etnografia em contextos educacionais” (p.20). Mas alerta o autor que não se trata de manual, uma vez que “não há como ensinar alguém a fazer uma etnografia (Peirano, 1995), nem

---

1 Trata-se de troca pessoal ocorrida em 2022 entre Carlos Rodrigues Brandão e um grupo de amigos, do qual faço parte e cujo conteúdo não se encontra publicado.

como produzir um manual de pesquisa antropológica (Gama; Fleischer, 2016). Porém, é possível apontar para certas discussões, princípios e caminhos que viabilizem esse processo”.

A partir dessa premissa, este livro se estrutura em capítulos necessários à introdução do leitor ao conhecimento antropológico por meio de linguagem acessível e centrada no fazer da etnografia no campo educacional. O autor assume que é possível fazer boas etnografias em contextos educacionais, de modo a criticar os estudos de “tipo etnográfico”. Na abordagem que faz em defesa de pesquisas de fato etnográficas, afirma que elas podem ser realizadas por bons pesquisadores em qualquer campo e não apenas por antropólogos. Daí que, propositalmente, este livro elege a educação como um campo possível para “o advento de novas pesquisas”, ao mesmo tempo que reflete “sobre um modo específico de produção do conhecimento, a etnografia” (p.24), entre educadores.

Mas, afinal, o que é uma pesquisa etnográfica? A pergunta orienta o debate no primeiro capítulo e expõe ao leitor, aos pesquisadores, um percurso que aproxima o passado e o presente das práticas etnográficas, sem se prender a uma escrita historiográfica e linear. Coloca autores clássicos, como Bronislaw Malinowski, ao lado de autores recentes, tais como Tim Ingold, Clifford Geertz, Adam Kuper, entre outros, evidenciando a importância de se pensar a antropologia e a etnografia em termos de continuidade, movimento e mudança epistêmica que avança sem jogar a criança – ou seja, os clássicos – com a água do banho – ou seja, não se olha o presente sem referência às conquistas do passado do próprio campo. Para aprendizes desse novo tempo, essa é uma consideração extremamente importante, pois exige pensar continuidades e descontinuidades que formam e constituem o campo científico, sempre movente, sempre dinâmico, mas devedor de suas fontes seminais.

No contexto desse primeiro capítulo, alguns princípios da etnografia se revelam como fundamentais: a inseparabilidade entre cultura e educação; entre descrição e interpretação; a não redução da antropologia à etnografia, ao mesmo tempo que evidencia que não há antropologia sem etnografia. Amurabi Oliveira também nos lembra a importância das práticas de observar e participar, resgatando a observação participante como parte da guinada epistemológica, que

encontra em Malinowski seu ponto de arranque e sua primordialidade presente até hoje no campo antropológico.

Fundamental ainda a compreensão de como os conceitos e as categorias transitam de modo a serem sempre moventes, em acordo com diferentes contextos, e as razões de sofrerem alterações importantes como ferramentas de compreensão da realidade que se investiga. Nesses casos, exemplar é o que se aprende *em* campo, *no* campo e *com* o campo. Fato que leva o autor a refletir sobre os aspectos de uma antropologia da educação, trazendo Paulo Freire para dialogar com os antropólogos do passado e do presente. Avança, assim, para um fazer antropológico atual e moderno que dialoga com o que é próximo, com o que existe em nossa porta, como escola. A consequência desse trânsito será a contribuição da antropologia para o alargamento da noção de educação, redimensionando o “próprio campo de investigação”, que coloca em questão o familiar, mas nem sempre conhecido como dizem Da Matta e Gilberto Velho. Em questão estão novas formas de interrogar a própria realidade, neste caso, a escola e seu contexto.

Na análise que se segue, o autor se propõe a elucidar a necessidade de “desenvolvimento de uma reflexão mais apurada sobre a incorporação da etnografia no campo educacional” (p.34), trazendo à baila o “equivoco epistemológico” da etnografia reduzida em termos de uma metodologia ou técnica. Professor Amurabi aponta, então, para a indissociabilidade entre teoria e método no caso da etnografia, já que é impossível descrever uma realidade sem interpretá-la.

O capítulo caminha, assim, para uma apresentação de passos necessários à pesquisa etnográfica sem, contudo, cair na armadilha de vê-los em separado, ordenados um a um. Como diz o autor: “Não quero com isso desanimar o leitor que esperava nesta seção do texto um passo a passo de como realizar uma pesquisa etnográfica” (p.38). Na verdade, diz ele, citando Peirano, “não há como propriamente ensinar a fazer pesquisa de campo” (p.38), ou como se diz: em antropologia se aprende a fazer, fazendo.

Para dar conta de equívocos como o que supõe passos necessários e ordenados de uma prática em campo e de outros comuns no trânsito entre duas áreas de conhecimento – a antropologia e a educação –, o autor se indaga qual seria a razão que move as pesquisas etnográficas em educação, trazendo para o debate a afirmação de alguns autores.

Dentre estes, resgata a produção de Marli André e Martucci sobre a impossibilidade de realizar pesquisas etnográficas no campo educacional e as coloca no centro de uma reflexão crítica. No diálogo que estabelece com outras tendências, como as do Departamento de Investigaciones Educativas (DIE) do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados do Instituto Politécnico Nacional, no México, e com pesquisadores da alçada de Carlos Rodrigues Brandão, Sandra Tošta e, ele mesmo, professor Amurabi Oliveira, resgata a pertinência de pesquisas etnográficas em educação e não de “tipo etnográfico”. Assume que, apesar de matrizes epistemológicas serem diversas nos campos aqui considerados, as fronteiras não se dissolvem, mas não são impeditivas do diálogo e da troca, já que “os pressupostos teóricos e metodológicos da educação são essencialmente interdisciplinares, bebendo da antropologia, da filosofia, da história, da psicologia, da sociologia etc.” (p.41).

Para o autor, cabe

pensarmos a possibilidade de construção de novas posturas cognitivas por parte dos profissionais da educação, pois a etnografia é, por excelência, uma forma de investigar a realidade que nos leva a questionar nossas próprias práticas, relativizando-as, assim como relativizando as práticas “do outro”, compreendendo os contextos culturais nos quais elas se inserem. (p.41)

Assim, o professor Amurabi fecha esse primeiro capítulo, reconhecendo a importância do diálogo entre áreas. A partir da noção de cultura, considera a possibilidade de contribuição da etnografia nos estudos dos fenômenos educacionais.

Ao seguir na trilha dessa viagem que apenas se inicia, o segundo e o terceiro capítulos colocam o leitor e aprendiz desse caminhar para pensar o campo em sua natureza e como desafio da caminhada, já que aquele cuja experiência o torna um mestre reconhece ser o campo, qualquer que seja, sempre único e sempre novo. Assim, nos preparativos para iniciar a jornada, destaca-se o fato de “que o treinamento etnográfico envolve o desenvolvimento de um determinado tipo de olhar, trata-se de uma aprendizagem no sentido mais amplo do termo” (p.43). Concorre, para tanto, a leitura de boas etnografias, o esboçar projetos de pesquisa nos quais a etnografia surge como uma

possibilidade, porém não única. Importa construir a percepção de que o amadurecimento das perguntas será fundamental para orientar o olhar do aprendiz e do mestre que com ele caminha, mesmo num espaço supostamente conhecido como a escola, mas ao qual se impõe novos questionamentos. Nesse exercício, amadurece a perspectiva de que “a pesquisa não é exatamente [para] provar algo, pois ela é um salto no escuro, implica na tentativa de conhecer o que é desconhecido, ou analisar o que é conhecido por um novo ângulo” (p.45).

Valem as perguntas que dirigimos ao contexto, no caso da escola, e o que supomos possam ser as respostas no ponto de chegada, mas deixando em aberto que outras perguntas e respostas se façam presentes a partir de levantamentos de diversos materiais disponíveis, sujeitos a uma análise criteriosa. Por sua vez, outros passos significativos se farão necessário para o adensamento dos critérios que visam eleger o campo, antes mesmo de aí estar o pesquisador. O campo existe, portanto, antes mesmo do próprio campo, bem como resulta desse conhecimento prévio a definição de um espaço determinado como universo a ser pesquisado. Um campo está sempre sujeito a limitações de uma realidade cujos aspectos, em sua totalidade, não podem ser considerados *a priori*. Nesse sentido, o projeto de pesquisa não deve ser uma camisa de força a impedir mudanças, mas, pelo contrário, deve ser passível de transformação e mesmo de reestruturação de acordo com elementos inesperados que a realidade concreta coloca diante do pesquisador. Só assim, a construção do marco teórico e o diálogo com autores, nem sempre previsto com anterioridade, se fazem necessários para articular a teoria e a empiria presentes na realidade em análise.

Contudo, para além do preparo objetivo para ir a campo, deve-se estar alerta para a subjetividade que acompanha o pesquisador e que também está presente entre os sujeitos observados. Daí a importância de se “estar bem-informado sobre a realidade local, seus dilemas e sua linguagem” (p.63), fato que dinamiza a compreensão de cada realidade escolar, à medida que o pesquisador se deixa contaminar como sujeito observador, mas tendo consciência de qual é seu lugar de olhar e ouvir a realidade à sua volta.

Diante desse contexto, o professor Amurabi lembra ao sujeito aprendiz de pesquisas etnográficas em educação o papel e o significado da ética, uma vez que fazemos pesquisas *com* pessoas e isto

implica que “desafios impostos pelo debate da ética em pesquisa devem abarcar [a] pluralidade” (p.69) da vida social e, ainda, considerar seus diferentes cenários. Desse modo, alerta-se para a necessidade de que a “reflexão sobre os recursos metodológicos e a ética em pesquisa pressupõe, sobretudo na pesquisa etnográfica, um conhecimento sobre o contexto social, político e cultural da realidade de seus sujeitos de pesquisa” (p.70). De tudo isso, depende “a aceitação em campo [que] possui inúmeras sutilezas que se vinculam à natureza de nossa pesquisa, bem como aos sujeitos dela” (p.74). Os percalços possíveis dessa caminhada são abordados pelo autor com detalhes precisos de quem sabe os desafios do campo e aponta atitudes necessárias para o bom andamento de uma investigação que coloca face a face diferentes sujeitos, suas histórias de vida e os interesses de uma relação de troca e compartilhamento.

O que observar na escola é o núcleo do debate no quarto capítulo deste livro, fundamental à aprendizagem do fazer etnográfico entre educadores, posto que “em estando lá” no universo da escola, o pesquisador se confronta com fatos inesperados, e seu agir se torna dependente de sua formação mas, também, “reside, justamente, na capacidade de operacionalizar o singular e local com o geral, ou ainda, segundo Mauss (1993), na capacidade de realizar uma observação tão completa, tão desenvolvida quanto possível, sem nada omitir. Nessa direção, a etnografia escolar envolve tanto uma descrição da cultura escolar quanto da cultura da escola” (p.80), fato que, por mais simples que pareça, pode complicar o estar em campo. Assim, o autor nos alerta para ter presente que “casos estudados não são casos particulares e isolados simplesmente, mas que se relacionam a outros fenômenos sociais, se inserem em uma teia de relações, que para captá-la é necessário estar com outros, estar disposto a ouvi-los e entender o sentido que eles atribuem a suas práticas” (p.80).

Fundamental nessa perspectiva é a compreensão de que, “É necessário observar o que faz daquela escola uma escola, ou seja, todas as práticas que envolvem as instituições escolares e que aqui são replicadas. Ao mesmo tempo, deve-se atentar para o que faz daquela escola *aquela* escola, no sentido de compreender como tais práticas são realmente vivenciadas pela comunidade escolar” (p.81). Segundo o autor, só assim, podemos compreender como os fatos se relacionam entre

si. O autor nos brinda com exemplos que alargam a compreensão do observar, agir e interagir quando em campo; de como superar “mal-entendidos” e transformar “a observação etnográfica [que] assenta-se no entrelaçamento de perceber, memorizar e anotar” (p.83) em fazeres imprescindíveis da prática etnográfica.

Com isso em tela, o professor Amurabi Oliveira discorre sobre algumas ferramentas, como a entrevista, o registro visual, o desenho, a fotografia e acervos de registros da escola (por exemplo de formaturas e festas), e o que elas possibilitam como diálogo com sujeitos do espaço escolar, do mesmo modo que, como memória e lembranças, falam, também, do universo pesquisado. Nesse sentido, o uso desses registros, ao incentivar o diálogo com os sujeitos da pesquisa, faz circular as imagens e “possibilita um melhor entrelaçamento entre o que se vê, o que se ouve e o que se escreve, o que é fundamental para esse tipo de pesquisa” (p.91).

Na busca de entrelaçar seu próprio conhecimento e formação, no intuito de compartilhar o seu conhecimento da prática antropológica no fazer de pesquisas etnográficas em educação, o autor chega ao final dessa viagem, trilhando uma etapa final e necessária que é o ato da análise e da escrita. O quinto capítulo da presente obra é, então, o momento imprescindível que fala dos passos anteriores e da escrita como algo que se entrelaça num movimento que embaralha, no bom sentido, o fazer etnográfico não como etapas estanques e necessárias, mas como fazeres que “misturam” os diversos momentos.

Assim, a escrita se faz no antes, no durante e no fim da pesquisa, por meio de recursos como o diário de campo e o como ele se coloca no interior da análise que sustenta o relatório final da pesquisa, uma dissertação, uma tese e mesmo um livro: “parto de uma compreensão de que a escrita etnográfica possui diferentes momentos, sendo o diário um deles, de modo que considero importante refletir de forma conjunta sobre ele e sobre a tese. Essa organização também reflete minha posição nesse debate, que tende a pensar o diário, a reflexão etnográfica e a escrita da tese de forma articulada” (p.93).

O autor faz um paralelo com os diários de classe, conhecidos dos professores, e diz que a função do diário de campo, principal ferramenta do pesquisador, “possui uma função similar, visto que registra o cotidiano do pesquisador em campo. Registra-se nele o que foi

observado, as interações, as impressões, ideias, esquemas mentais. Ele acompanha o pesquisador desde as ideias iniciais de sua pesquisa até sua conclusão, devendo ser lido e relido continuamente (sempre cabendo mais anotações)” (p.93). Com isso, cabe registrar desde fatos até sentimentos que acontecem na relação com os sujeitos investigados, bem como que acontecem no cotidiano da pesquisa e na realidade investigada. Há formas de organizar tais registros, ainda que não sejam regidos por regras fixas e absolutas.

Amurabi Oliveira discorre sobre algumas experiências de registro e diz que o diário de campo deve registrar ao máximo as venturas e desventuras do campo para que a “leitura e releitura tenha um caráter profundamente reflexivo, que nos leve a repensar o espaço escolar, suas dinâmicas e suas relações de poder (Sales; Beserra, 2019)” (p.94). Apesar das imensas possibilidades que um diário de campo possibilita, importa, segundo o autor, ter presente que ele não é a escrita final da investigação, da pesquisa.

Há um caminho a ser percorrido do diário à dissertação e/ou tese que implica “uma relação constituída da inter-relação entre a observação (campo) e a análise (escrita)” (p.97). Assim, a escrita envolve um processo de aprendizagem entre o que se aprende e o como contar o que se aprende. A escrita etnográfica se elabora tanto do ir à campo como pela volta para casa, quando se sistematiza o que se viu, ouviu e vivenciou. No momento da escrita, importa, ainda, pensar as relações entre a empiria e a teoria a partir de uma base sólida do “contexto escolar [pois que o mesmo] nos demanda também um bom conhecimento teórico sobre os debates próprios sobre o sistema de ensino” (p.98).

Vale, ainda lembrar que “uma coisa é a experiência de estar em campo, realizar anotações sobre esse período, outra coisa é escrever sobre ela” (p.101), nos alertando de que “a etnografia constitui um modo particular de produzir conhecimento para conhecermos determinada realidade, ainda quando estamos referindo-nos a algo que nos é familiar. A ideia é que ela apresentaria a possibilidade de enxergarmos a partir de um novo ângulo questões que estão latentes no campo” (p.100).

O autor, até aqui, quando nos aproximamos do final desta obra, não fugiu de seu compromisso com o coletivo, seja de outros teóricos, outros sujeitos e mesmo de seus alunos, que em diferentes momentos

e passagens enriquecem o diálogo proposto por este instigante livro. A obra nos brinda com conteúdo que não apenas ensina, mas possibilita um avanço pedagógico para docentes no preparo de aulas, com o qual poderá formar seus alunos na senda do fazer etnográfico na educação.

Por tudo que foi dito até aqui e, como diz o autor em suas Considerações Finais, este livro não apenas contribui “para o diálogo entre a antropologia e a educação, e de forma mais específica para o debate sobre a produção de etnografias em contextos escolares” (p.105), ele vai além: proporciona desdobramentos pedagógicos para estudantes, docentes e educadores para a revisão de suas práticas em busca de entender o ser humano em convivência coletiva (Peirano, 1983) no campo do ensinar e pesquisar, e assim transformar a realidade em busca de um mundo melhor.

Espero que muitos outros leitores tenham o prazer que tive com a leitura desta obra, e que eles posso usufruir da tarefa a que se propôs o autor: a de contribuir para o diálogo entre antropologia e educação. Se, como diz o autor, “faz parte da natureza da pesquisa etnográfica a surpresa, o espanto, a descoberta” (p.106), é esse o impacto que julgo estar presente também neste livro, que proporciona uma situação de ensinar-e-aprender, ao mesmo tempo que nos leva a aprender para ensinar aprendendo, como diria Paulo Freire.

Concluo, com o mestre Brandão (2022):<sup>2</sup>

O que torna única a experiência da educação é que, mesmo quando exista uma situação nítida de ensinar-e-aprender, em que alguém é claramente um mestre, um professor, um educador, e um outro é um discípulo, um aluno, um educando, a relação de aprender-ensinar-aprender pode e deve ser vivida como uma troca. Como uma transação de saberes e como uma negociação de sentidos. Como um diálogo, enfim.

É assim, com que este livro, o professor Amurabi Oliveira cumpre uma missão das mais significativas no contexto humano e, em particular, na antropologia e na educação, pois que, sendo mestre, professor e educador, não individualiza seu saber, mas o toma como ponte que

---

2 Texto inédito de troca em grupo de estudos pelo professor Carlos Rodrigues Brandão, sem título ou página de referência.

cruza rios, transp̄assa as encruzilhadas e transita a partir do princípio de troca, compartilhamento e diálogo coletivo. Esta obra pode e deve ser lida como verdadeiro ato educativo e pedagógico!

*Neusa M. M. Gusmão*  
*Setembro, 2022*

#### REFERÊNCIAS

- BRADÃO, C. R. Carta Pedagógica de Carlos Rodrigues Brandão. In: PAULO, F. dos S.; GAIO, A. (orgs.). *Educação popular nas cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão – Contribuições para a pedagogia latino-americana*. Chapecó-SC: Editora Livrologia, 2021. p.10-14.
- PEIRANO, M. Etnocentrismo às avessas: o conceito de “sociedade complexa”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.26, n.1, p.97-115, 1983.

# Introdução

Este livro parte do princípio que refletir sobre a pesquisa, e sobre os modos de pesquisar, deve ser um exercício contínuo, que se realiza de maneira não apenas autorreflexiva, como também (e principalmente) coletivamente em diferentes espaços. No campo educacional, tem-se reconhecido cada vez mais o papel central da pesquisa na formação docente, bem como a necessidade de realizar diálogos com diferentes campos disciplinares, o que também motiva a escrita deste trabalho.

Circunscrevo-me aqui na interface entre as ciências sociais e a educação, ou mais especificamente, entre a antropologia e a educação, reconhecendo que o diálogo nem sempre é fácil entre essas duas áreas (Gusmão, 1997; 2006), mas que, no entanto, mostra-se fundamental para pensarmos as práticas educativas. Desenvolvo ainda meu trabalho em um amplo diálogo também com a sociologia (meu doutorado é nessa área, embora orientado por um antropólogo). Porém, diferentemente da compreensão de Lévi-Strauss (2008), que coloca a sociologia como a ciência social do observador e a antropologia como a ciência social do observado, eu não realizo tal distinção e tento articular essas duas dimensões.

Para escrever este trabalho – que se propõe a ser uma modesta contribuição ao debate da antropologia da educação e da formação inicial de professores – parto de minha experiência como docente tanto do curso de licenciatura em Pedagogia e da pós-graduação em Educação quanto no âmbito das ciências sociais, nas quais tenho me dedicado a formar especialistas em educação. Portanto, venho atuando como um mensageiro entre os dois campos, trazendo o

debate desde a antropologia para a educação e da educação para as ciências sociais. Todavia, minha experiência também é constituída com outros diálogos, com minha vivência de professor da educação básica e de pesquisador em campo, e com a troca acadêmica e afetiva com diversos cientistas sociais da educação, sobretudo, com antropólogos dedicados à pesquisa educacional, muitos vinculados às faculdades de Educação e tantos outros aos departamentos de Antropologia/Ciências Sociais.

Não se trata de propor um manual no sentido estrito sobre como produzir etnografias em contextos educacionais, pois, a rigor poderíamos dizer que não há como ensinar alguém a fazer uma etnografia (Peirano, 1995), nem como produzir um manual de pesquisa antropológica (Gama; Fleischer, 2016). Porém é possível apontar para certas discussões, princípios e caminhos que viabilizem esse processo, o desenvolvimento dessa forma de conhecimento que é a etnografia. Proponho, assim, uma reflexão sobre as diversas etapas da pesquisa, sempre tendo como horizonte a etnografia em contextos educacionais.

Tendo como objetivo viabilizar esse feito para meu leitor, a escrita deste livro adota um estilo marcado pelo uso de longas citações em alguns momentos, pois é necessário compreender como outros etnógrafos encontraram seus caminhos na pesquisa de campo. Quero, portanto, que meus leitores tenham acesso a um texto polifônico, possibilitando um diálogo com diferentes pesquisadores.

A esquematização aqui proposta possui um caráter didático, apresentando certas questões próprias da pesquisa etnográfica, principalmente para professores em formação que não possuem instrução específica no campo das ciências sociais, ainda que possa interessar também públicos mais amplos, como cientistas sociais ou pós-graduandos em Educação e áreas correlatas. Porém isso não significa, em absoluto, que essa organização reflita uma compreensão de que o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica possa ser simplesmente resumido a um “passo a passo”. Como bem indicam Roberti Junior, Cariaga e Segata (2015, p.117):

Neste sentido é pouco produtivo pensar a trajetória da pesquisa como um movimento linear que estabelece definições sobre um pretensão passo a passo, fixando o local da pesquisa de campo, o lugar das teorias, dos